

MEMÓRIA

FISCHER, O COLABORADOR INFORMAL

O economista Stanley Fischer, 56 anos, é amigo pessoal do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Foram colegas no Banco Mundial e vizinhos em Washington (EUA), onde moraram no mesmo bairro, Fox Hall. Vice-diretor gerente do Fundo

Monetário Internacional, Fischer é o mais importante executivo do FMI depois do diretor-gerente, Michel Camdessus.

Nascido no Zâmbia (África), o doutor em Economia pelo Instituto de Tecnologia de Massachusets já dizia, em 1996, que os dois grandes desafios brasileiros eram consolidar a situação fiscal e resolver os problemas bancários.

Fischer também recomendava ao país o aprofundamento das reformas estruturais, fortalecendo

privatizações e investimentos em educação. "Sem consolidação fiscal, a política monetária não é suficiente", resumia.

Em setembro do ano passado, Fischer organizou um jantar na sede do J.P. Morgan, com representantes comerciais e de investimentos do Merrie Lynch, Chase Manhattan, Citicorp, Goldman e Sachs & Co., onde foi discutida a situação econômica brasileira. Na ocasião, foi fechado um acordo de cavalheiros no qual os grandes bancos dariam so-

corro ao Fundo caso o Brasil necessitasse de ajuda financeira.

Cinco dias depois de uma reunião com Fischer, em outubro do ano passado no Rio, Malan anunciou um programa de ajuste fiscal. No dia seguinte, o governo federal levou ao FMI o esboço de uma carta de intenções. O fato reforçou a desconfiança dos economistas brasileiros de que é o próprio Stanley Fischer quem dá as coordenadas da estratégia de negociação do país com o Fundo.